

Poder, imagem e Arqueologia: a iconografia monetária e o exército romano

(em inglês, p. 181)

CLÁUDIO UMPIERRE CARLAN

Doutorando pelo IFCH/Unicamp

Pesquisador associado do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/Unicamp)

Bolsista da Capes

RESUMO O artigo começa com uma apresentação das imagens representadas nas amoedações, como um documento alternativo, analisando as questões políticas relativas ao mundo romano durante o governo de Diocleciano. Enfatiza-se nessa discussão a importância do uso de uma variedade de fontes iconográficas e arqueológicas. Usando como fonte iconográfica a coleção numismática do acervo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, analisamos a imagem como uma fonte de propaganda legitimadora do poder imperial.

PALAVRAS-CHAVE Moeda, Império, iconografia, poder, política.

ABSTRACT The paper starts by introducing numismatics as an alternative historical document, studying political issues relating to the Roman emperor Diocletian. The paper emphasizes the importance of using different sources, such as iconographic and archaeological. The numismatic collection stored at the National Historical Museum at Rio de Janeiro, Brazil, serves to show how images were used as propaganda for imperial rule.

KEY-WORDS Coins, empire, iconography, power, politics.

Introdução

Esse texto visa analisar as amoedações romanas do século IV e sua relação com a sociedade do período, tanto do ponto de vista material – como pagamento das tropas e abastecimento do Império – quanto do simbólico: as representações dos governantes e de sua política administrativa. Para isso, além das fontes numismáticas, analisaremos as evidências textuais e arqueológicas relativas a esse período. Por motivo de espaço, trabalharemos apenas com algumas moedas do período da tetrarquia (285-305),¹ em que foram cunhadas mais de trezentos exemplares.

As fontes aqui utilizadas para o trabalho fazem parte do acervo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, que possui o maior espólio de moedas da América Latina, com mais de 130 mil peças das mais variadas regiões, das quais 1.888 foram cunhadas durante o século IV, com representações de todos os imperadores, usurpadores e imperatrizes que circularam pela orla do poder nesse período.

As moedas, além de oferecerem bem-estar econômico, apresentam aspectos icônicos. Analisando os aversos e reversos monetários como imagens fabricadas, as moedas imitam aquilo a que se referem. Qualquer signo, mesmo o iconográfico, gravado por meio de processos físicos ou naturais, é construído segundo regras determinadas que implicam convenções sociais. A moeda circula de fato em três níveis, sendo simultaneamente ícone, índice e símbolo convencional. Os povos que habitavam o vasto Império Romano tinham conhecimento de que um busto representado numa diminuta peça de bronze, prata ou ouro era de seu governante.

A moeda tem sido estudada como simples troca financeira, uma mercadoria a mais no vasto mundo do comércio. O pesquisador em numismática tem se preocupado mais com o corpo econômico e social que ela servia, compra e venda, pagamento de salários, do que pelo metal que produzia a moeda e informava sobre a riqueza de um reino.²

O homem contemporâneo dificilmente pode ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Ao possuidor romano de uma determinada espécie monetária estranha, esta falava-lhe (1) pelo metal, nobre ou não, em que era cunhada, (2) pelo tipo e (3) pela legenda. O metal informava sobre

a riqueza de um reino e os outros dois elementos diziam algo sobre a arte – ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante –, sobre o poder do emissor e, principalmente, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. É esse último aspecto da fonte numismática que pretendemos explorar.

Cometemos o mais profundo anacronismo ao comparar uma sociedade capitalista como a nossa – que apresenta padrões econômicos próprios – com uma de mil ou 2 mil anos atrás. Num mundo com baixíssimo índice de alfabetização e meios de comunicação precários, a iconografia tinha um papel fundamental. Segundo Corvisier, definições modernas e simples voltadas apenas para o valor de compra não servem para a Antiguidade. Para definir uma moeda, precisamos saber a sua função no período.³

É nesse contexto que o presente trabalho está inserido. Pela análise da iconografia, procuramos identificar cada símbolo existente nas imagens dos aversos e reversos monetários. Tais representações serviam como uma espécie de propaganda política, social, econômica, religiosa, com uma forte carga ideológica, que tinha como principal objetivo legitimar o poder dos governantes perante os súditos.

I – Crise e revoltas no século III

Após a morte de Alexandre Severo (222-235), Roma cai num período de anarquia política que durará aproximadamente cinquenta anos. Os imperadores sucediam-se uns aos outros, saudados pelas tropas ao amanhecer e assassinados ao entardecer. Como expediente para sair das dificuldades financeiras, cunhavam-se moedas tão alteradas que o público se recusava a aceitá-las.

Durante boa parte do século III, principalmente no governo de Aureliano (270-275), há uma tentativa de restabelecer as finanças e o equilíbrio econômico. As oficinas de cunhagem, para facilitar a circulação das moedas, multiplicam-se, mas, pouco tempo depois, são fechadas, por ordem do próprio imperador. Explode uma nova onda de revoltas. Para regularizar a situação, só se admitem moedas emitidas pelo Estado, suprimindo-se o direito do Senado de fiscalizar a produção. A alta dos preços eleva-se a 1.000%. No ano de 273, explode uma sublevação em

Roma. Os trabalhadores da Casa da Moeda (*Monetarii*), apoiados pelas camadas inferiores da população, matam cerca de 7 mil soldados das forças de repressão. O Império Romano havia perdido territórios e achava-se empobrecido. Eram necessárias mudanças: reformas políticas e econômicas, que dariam novo ânimo ao corpo moribundo.

II – Tetrarquia e a restauração da ordem

O processo de transformação inicia-se no governo de Galieno (253-268). Este começa a reorganizar o exército e escolhe para sua guarda pessoal a elite dos oficiais, juntamente com um grande grupo de cavalaria; na administração os senadores perdem o comando das legiões. A obra de restauração prossegue com seus sucessores, que conseguem se manter algum tempo no poder: Aureliano (270-275) e Probo (276-282). Estas reformas embrionárias preparam o caminho para as de Diocleciano (284-305).

Após o assassinato de Numeriano (283-284), Caius Aurelius Valerius Diocles Diocletianus, nascido perto de Salona (hoje Split ou Spalato, cidade e porto da Croácia), foi proclamado imperador pelos seus soldados. Apesar de possuir um nome ilustre, Valério, ele não descendia da aristocrática família romana de mesmo nome. Portanto não era um patrício. Seu pai era um liberto (ex-escravo) da Dalmácia (litoral da Croácia). Para evitar um fim semelhante ao de seus antecessores, Diocleciano tratou de apoiar-se em elementos de sua confiança, e do mesmo mundo social. Exemplo disso são alguns dos membros da futura tetrarquia: Galério (305-311), seu adjunto, guardara gado nos Cárpatos; Maximiano (285/286-305) havia sido seu colega de armas; Constâncio Cloro, adjunto de Maximiano, também era oriundo das Legiões. Eles e seus sucessores escolheram auxiliares de passado idêntico.

No ano de 286 inicia-se uma série de reformas que, por algum tempo, restauram a ordem. Num primeiro momento é instalada uma diarquia ao lado de Maximiano. Começam a surgir questões que deixam transparecer os excessos e arbitrariedades de Diocleciano: reformulação da *annona* (imposto sobre a produção agrícola anual) e fortalecimento dos *curiales* (classes populares romanas de uma mesma *cúria* ou povoação); fixação dos agricultores, colonos e ar-

rendatários sobre as terras que cultivassem, ficando estes proibidos de abandoná-las; obrigação, por parte dos trabalhadores urbanos, de permanecer em suas profissões, transmitindo-as a seus descendentes. Institui-se, assim, um sistema de classes até então desconhecido em Roma, com o objetivo de manter imobilizada a estrutura econômica do Império.

O sistema de diarquia é ampliado para tetrarquia, com participações recíprocas de Galério e Constâncio Cloro como césares, ambos ligados por grau de parentesco pelo matrimônio com as filhas dos respectivos augustos (Galério casa-se com Valéria, filha de Diocleciano, e Constâncio Cloro com Teodora, filha de Maximiano).

A função desses césares não é apenas administrativa. Eles também precisam fortalecer o seu “augustus”. Cada “augusto” seria auxiliado por um “césar”, uma espécie de “vice-imperador”. Sendo assim, deveriam prestar auxílio mútuo imediato em caso de perigo: o Augusto e o César oriental viriam em socorro do colega ocidental e vice-versa. O voto de amizade entre eles foi representado no Monumento aos Tetrarcas em Veneza, onde os quatro aparecem abraçados.

Aliado a esses fatos, ocorre uma inversão do eixo político. Roma passou para um segundo plano após a oficialização das novas capitais: Aquiléia e Tréveres, no Ocidente, Sírmio e Nicomédia no Oriente.

Numa tentativa de restabelecer o poder da economia romana, Diocleciano tenta fazer uma reforma econômico-administrativa. Além de emitir moedas de ouro e prata, coloca em circulação peças divisionárias de bronze com tenuíssimo invólucro de prata, vulgarmente conhecido como “banho de prata”, que serviam para as operações cotidianas, conhecidas como *folles*.

Essa moeda, de tamanho e peso inferiores ao dupondio (*dupondius*), instituída entre os anos de 295 e 298, segundo Ewald Junge,⁴ apresenta em seu reverso a imagem de Júpiter nu, com o *paragonium* (uma espécie de lábaro ou estandarte, que acompanhava a divindade) e uma cornucópia simbolizando que a riqueza e a abundância estavam de volta ao Império. As peças cunhadas no Oriente vêm acompanhadas de uma estrela em seu campo. Das 145 moedas de Diocleciano e 107 de Maximiano pertencentes ao

acervo do Museu Histórico Nacional, 15 ainda trazem essa característica, inclusive o invólucro de prata, destaque artístico muito importante.

Em 301, os tetrarcas tentaram através do *Edictum Diocletiani et Collegarum de pretiis rerum venalium*, ou Edito Máximo de Preços, restabelecer a economia do Império, fixando os preços máximos para os produtos de consumo – prática conhecida na nossa sociedade “pós-moderna” como congelamento de preços e salários, ainda muito em voga na nossa tradicional classe política. Como hoje, não forneceu resultados favoráveis, estimulando o contrabando e a corrupção.

Também nesse período as casas de cunhagem são ampliadas, a fim de satisfazer às obrigações da tetrarquia e às necessidades do comércio: obras públicas e aumento do efetivo militar e civil. Para isso, novas peças começam a circular com letras na parte inferior do reverso da moeda, linha de terra também conhecida como exergo. Quando visível, podemos identificar o nome (espécie de sigla) do local da cunhagem, como, por exemplo: PUT (Ticinum); ARLQ, PCON, PAR, SCON (Arles); AQ, AQP* (Aquiléia); MRH, SMHA (Heracléia); VRB.ROM, VRB.ROM.Q, R*T, RQT, RT (Roma); ASI, ASSIS, BSISZ (Siscia), SMANAI, SMANB (Antioquia); ALE, ALEA, SMALE (Alexandria), SMKR, SMAKA, SMKΓ (Cízico), (CARLAN: 2000, 30).

Tais valores estão bem explícitos nas cunhagens do período. Nos dupôndios, moedas de bronze de diâmetro superior a 2,5 mm, pesando mais de 8 g, identificamos no reverso das peças de Diocleciano a representação de Júpiter seminu com os ombros cobertos, ou, nas de Maximiano, Hércules com a pele do leão, entregando para o imperador o globo encimado pela Vitória, prestes a laureá-lo, como se as divindades protetoras de Roma estivessem abençoando os novos governantes. Tanto, de um lado, o o cetro de marfim, o manto e a cadeira consulares – que representam o cônsul – quanto, de outro, a couraça, a lança, o cavalo e o elmo – que representam o general – fazem parte das imagens dos reversos e aversos monetários,⁵ fortalecendo assim a legitimação do poder imperial. Teoricamente, o Império continuava a ser uno. Tratava-se de uma associação e de um sistema colegial, não de uma divisão terri-

torial, embora cada augusto, auxiliado ou não por um César, ou por outro augusto menos prestigioso, fosse encarregado da administração e da defesa de uma parte do Império. O próprio Diocleciano era considerado um *Ivono*, filho de Júpiter, enquanto o outro tetrarca, Maximiano, era um *Hercvleo*, ou filho de Hércules.⁶

As cunhagens do período exemplificam essas diferenças. Nas moedas de Diocleciano observa-se a legenda IOVI AVGG, ou IOVI CONSERVAT AVGG, e nas de Maximiano, HERCULI PACIFER. Apesar de o sistema de tetrarquia ter sido criado para estabelecer uma igualdade, essas amoedações comprovam que existia uma hierarquização interna, pela qual um governante possuía um grau maior de importância que seu “co-irmão”, pois um novo augusto só era admitido oficialmente no colégio depois da aprovação de seu colega (ou colegas).

No governo do *Hercvleo* Maximiano, foi cunhada uma moeda com um novo *signo*, peça conhecida como votiva ou laudatória, pois no campo do reverso vinha a seguinte inscrição: VOT XX, acompanhada da letra H (Heracléia) ou KK (Cartago). O seu significado seria “Votamos por vinte anos”, justamente a duração da tetrarquia. Após a renúncia dos augustos, Maximiano utilizará um outro *signo*, VOT XX MVLV XXX, que significa: “Votamos por vinte anos, depois por mais trinta”. Na legenda, uma coroa de louros cerca o voto. Esses votos expressavam uma espécie de confiança, de fidelidade do povo ao seu governante. Posteriormente, outros imperadores, Constantino, Constante, Constâncio II, Juliano, Joviano, Valentiniano I, cunharam moedas com a mesma legenda (ou variações), como VOT XXX MVLV TIS XXXX ou VOT XX SIC XXX.

O que realmente Diocleciano queria era reconstruir, a qualquer preço, a grandeza romana, em vias de extinção, mesmo que para isso provocasse a ruína da maioria dos cidadãos. Ele empenhou-se ao máximo para restaurar os sacrifícios aos deuses e impor aos súditos o culto à divindade do Imperador. Segundo Funari,⁷ a flexibilidade religiosa dos romanos, o respeito a outras religiões e a facilidade de incorporá-las foi um fator importante em sua capacidade de dominar povos tão variados e uma área geográfica tão grande.

Descrição das moedas⁸

1 – Denominação: *Dupôndio*

Ano / Local: cunhada entre 304 e 305, em Alexandria.

Anverso: IMP C DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: IOVICO – N S CAES / ALE

Descrição:

Anverso: busto, ou nu, de Diocleciano, diademado à direita, com barba, mal recortado nos quadrantes 1º e 4º; na legenda o nome e título imperial (IMP AVG). No reverso a divindade, Júpiter, em pé, nu, lábaro à esquerda, com o globo, símbolo do poder e da perfeição, na mão direita. Sobre o globo uma Vitória, com uma coroa de louros, prestes a laurear a divindade. Durante boa parte do período da tetrarquia, Diocleciano foi considerado um *immo*, filho de Júpiter, e seu amigo e colega Maximiano, um *herculeo*, filho de Hércules. Como se as divindades protetoras do panteão romano protegessem e legitimassem o novo governo. Identificamos ainda a letra S, comum nas cunhagens da tetrarquia, e o exergo referente à cidade de Alexandria (ALE). Na imagem da divindade existe uma camada de azinhavre, por causa da corrosão.

Observações:

Peça de bronze, muito bem conservada (MBC); diâmetro: 2,76 mm; peso: 9,56 g; alto reverso ou eixo 12 horas.

Existem três variantes dessa peça na coleção, cunhadas em casas monetárias diferentes.

2 – Denominação: *Follis*

Ano / Local: cunhada entre 303 e 305, em Trêves.

Anverso: IMP DIOCLETIANVS AVG

Reverso: GENIO POPVLI ROMANIS F / PTR

Descrição:

No anverso, busto diademado, encouraçado, à direita do imperador, retratado com barba. Alterações na legenda. No reverso, notamos a presença do *genius*,⁹ divindade tutelar romana, tendo o *modius* (espécie de coroa) sobre a cabeça, uma *patira* (laço, ou chicote, que acompanha a cornucópia) nas mãos, juntamente com a cornucópia, símbolo da abundância. Ao lado da divindade, as letras S F ajudam a identificar tanto

Diocleciano quanto a casa responsável pela cunhagem. Exergo PTR, referente a Trêves.

Observações:

Peça de bronze, muito bem conservada (MBC); diâmetro: 2,02 mm; peso: 9,78 g; alto reverso ou eixo 6 horas.

3 – Denominação: *Aes*¹⁰

Ano / Local: cunhada entre 297 e 298, em Alexandria

Anverso: IMP C C VAL DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: CONCORDIA MILITVM A / ALE

Descrição:

Busto encouraçado à direita, com uma coroa radiada. Nessa variante aparecem as iniciais do nome completo de Diocleciano. No reverso, imperador em pé, voltado para a direita, com uniforme militar, tendo na mão esquerda um *paragonium*, recebendo um globo – encimado pela Vitória – das mãos de Júpiter nu. À esquerda da divindade um cetro. Entre Diocleciano e Júpiter, a letra A. Exergo de Alexandria.

A Concórdia, que aparece na inscrição *Concordia militum*, no reverso, era uma divindade feminina, protetora da vida social e moral em Roma.

Observações:

Peça de bronze, muito bem conservada (MBC); diâmetro: 1,98 mm; peso: 9,80 g; alto reverso ou eixo 10 horas.

Conclusão

Qualquer sistema de símbolos é uma invenção do homem. Os sistemas simbólicos que chamamos de linguagens são invenções ou refinamentos do que foram, em outros tempos, percepções do objeto dentro de uma mentalidade despojada de imagens, tornando a linguagem visual universal. Dondis acrescenta que o meio de comunicação visual vem impregnado de informação de significado universal; o símbolo não existe apenas na linguagem. Seu uso é muito mais abrangente. O símbolo deve ser simples e referir-se a um grupo, idéia, atividade comercial, instituição ou partido político.¹¹

Essa simbologia encontrada na numismática era uma exposição de idéias, uma composição de emblemas, como o barrete frígio (que tem o significado de liberdade), a cornucópia (que remete à abundância) e a Concórdia (que representa a união dos esforços). Outras coberturas – como o véu, que pode indicar modéstia ou viuvez, barretes e elmos, que indicam campanhas militares, a ornamentação com a coroa de louros (láurea), que tende a sugerir que aqueles que as portam são divindades – também são comuns nas representações monetárias.

A impressão iconográfica das moedas, deixando-se de lado as inscrições, revela figuras diversas: animais, vegetais, brasões, objetos, edifícios e emblemas mais ou menos estilizados. Geralmente essas figuras referem-se ao local de cunhagem e à respectiva au-

toridade, designada de um modo claro, para os seus contemporâneos, por uma figura, uma atitude, ou outros atributos cujos significados hoje muitas vezes nos escapam.

Agradecimentos

Agradecemos aos professores de História da Arte da Unicamp pela oportunidade de trocarmos idéias, e a Pedro Paulo Abreu Funari, Ciro Flamarion Santana Cardoso, Maria Beatriz Borba Florenzano, Vera Lúcia Tosttes, Rejane Maria Vieira, Eliane Rose Nery, Edinéa da Silva Carlan, Ilma Dias Corrêa da Silva, Francisca Santiago da Silva. Mencionamos, ainda, o apoio institucional do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE/Unicamp) e da CAPES. A responsabilidade pelas idéias restringe-se ao autor.

¹ Todas as datas aqui citadas são da era cristã (d.C.).

² CARLAN, Cláudio Umpierre. “Las monedas de Constancio II en el acervo Del Museo Histórico Nacional de Río de Janeiro: características”. In: ALFARO, Carmen, MARCOS, Carmen & PALOMA, Otero. *Actas del XIII Congreso Internacional de Numismática*. Madrid: Ministério de Cultura, 2005.

³ A profa. dra Maria Beatriz B. Florenzano, durante o seminário internacional *O outro lado da moeda*, defendeu esta idéia. Qual o objetivo de um soberano em cunhar moedas com menos de 2 mm de diâmetro (menor que as nossas de 1 centavo) com uma riqueza simbólica e iconográfica de grande expressão como nos *foliis* e *dupondius* dos tetrarcas? Evidências disponíveis sugerem não ser provável a realização de todo esse trabalho de precisão visando apenas uma simples troca econômica consumidor/produtor.

⁴ JUNGE, Ewald. *The Seaby Coin Encyclopaedia*. Second Impression with revisions. London: British Library, 1994, p. 107.

⁵ DEPEYROT, G. *Economie et Numismatique (284-491)*. Paris: Errance, 1987, p. 84.

⁶ RÉMONDON, Roger. *La Crisis del Imperio Romano*. De Marco Aurelio a Anastasio. 2. ed. Barcelona: Labor, 1973, p. 110.

⁷ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Grécia e Roma. Vida pública e vida privada. Cultura, pensamento e mitologia. Amor e sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 114.

⁸ Utilizamos para a datação das moedas o catálogo *The Roman Imperial Coinage*. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V, VI, VII, VIII. London: Spink and Sons, 1983.

⁹ O *genius* é uma divindade geradora, que preside o nascimento de alguém (ou de uma nova ordem). Também pode ser associado à tutela de uma pessoa, lugar, coisa, à glória, à beleza, ao mérito ou valor de um autor.

¹⁰ O *aes*, bronze, teria sido a primeira forma de moeda em Roma para servir às trocas, compras ou vendas (*aes grave*, ou bronze a peso). Era utilizada principalmente para o pagamento das tropas.

¹¹ DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 115.



1a



2a



3a

1a Moeda denominada *Dupondio* (c. 304-305),
Alexandria [Anverso]

2a Moeda denominada *Follis* (c. 303-305),
Trèves (atual Trier) [Anverso]

3a Moeda denominada *Aes* (c. 297-298),
Alexandria [Anverso]



1b

1b Moeda denominada *Dupondio* (c. 304-305),
Alexandria [Reverso].

2b Moeda denominada *Follis* (c. 303-305),
Trèves (atual Trier) [Reverso].

3b Moeda denominada *Aes* (c. 297-298),
Alexandria [Reverso].



2b



3b